VII Congresso Internacional de Educação
10 a 13 maio de 2017
Santa Maria RS - Brasil
EDUCAÇÃO HUMANIZADORA: valorizando a vida na sociedade contemporânea
ISSN 2446-5542

FORMAÇÃO CONTINUADA: CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS E FREIREANAS

Micheli Daiani Hennicka*

Resumo: Este artigo apresenta um breve recorte das contribuições históricas e freireanas acerca da formação continuada no Brasil. Como finalidade, busca-se elucidar o desenvolvimento da mesma no país ao longo dos anos (período imperial aos anos 2000), assim como elencar algumas contribuições deixadas pelo nosso querido educador Paulo Freire. Para isso, utilizou-se como metodologia uma pesquisa do tipo bibliográfica, tendo como base os escritos de Paulo Freire e outros autores que abordam a temática. Percebeu-se com este trabalho que estamos em tempos de mudanças, tanto na sociedade como no ambiente escolar. E, devido a elas, os docentes precisam refazer-se permanentemente, buscando cursos de formação continuada, por exemplo. Além disso, faz-se imprescindível a compreensão da formação docente como uma prática continua, pois, conforme Freire, somos seres inacabados e, quando tomamos conscientes desse inacabamento, nos compreendemos como seres aprendentes, estando em permanente formação em relação à docência principalmente, procurando sempre o 'ser mais' tanto no aspecto pessoal como no profissional.

Palavras-chave: Formação continuada. Paulo Freire. Docentes.

Considerações iniciais

Devido às constantes mudanças que ocorrem na sociedade nos últimos tempos nos encontramos numa fase de nos refazermos como docentes. Os docentes, em virtude dessas mudanças na sociedade e no ambiente escolar, de modo particular, sentem a necessidade de realizarem cursos de formação continuada para ampliar a sua formação e se adequar às novas exigências do seu ambiente de trabalho. Estes cursos de formação podem ser de diferentes formatos e abordar diversas temáticas.

Sendo assim, pode-se compreender que a formação docente é considerada algo permanente. Para Freire (1980), estamos em constante (re)formação, a qual vai se concretizando, vai sendo na prática, nas situações diárias, que demandam um conhecimento amplo da profissão docente, um conhecimento da vida, do mundo, do seu próprio processo de aprendizagem que exige constantemente uma reflexão na, da e sobre a prática. Nesse sentido,

* Instituição: Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: michipedag@yahoo.com.br

Freire (2002, p.43-44) nos escreve que "na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o de reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática". Ou seja, refletindo diariamente sobre sua prática o educador vai se aperfeiçoando e melhorando o seu trabalho. Por isso, é importante, nos processos formativos, que o educador se reconstrua como educador por estar em processo de formação continuada e possa assim (re)significar as mudanças que ocorrem na sociedade e no seu ambiente de trabalho, como também perceber o que se pode fazer para superar os problemas enfrentados, sempre em busca do 'ser mais'[1] como docente e ser humano.

A formação continuada é um campo de possibilidades para aprofundar os conhecimentos teóricos e práticos, considerando o educador sujeito da ação e permitindo valorizar suas experiências pessoais e profissionais, podendo assim (re)significar saberes e atribuir novos significados a sua prática, na medida em que compreende e enfrenta os desafios postos na atividade docente. Freire (1992, p. 155) nos remete a pensar que "ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar".

Por esse motivo a formação continuada não é apenas necessária; ela é imprescindível. Somente através dela é que nos damos conta do quanto ainda precisamos continuar aprendendo. A nossa formação precisa, necessariamente, ser sempre continuada, como o próprio nome já diz. Somos eternos aprendizes e essa capacidade de estar sempre aprendendo é o que nos move em nossa atividade docente e nos impulsiona, a cada dia, à busca constante pelo saber.

No que se refere à metodologia utilizada neste trabalho, optou-se pela pesquisa bibliográfica a partir do estudo e da análise de algumas das principais obras de Paulo Freire, buscando estabelecer diálogos entre suas ideias e de outros interlocutores afins no campo da educação, em geral, e da formação continuada em particular. Também, nesse diálogo de Freire com outros interlocutores, foi possível a apropriação de alguns conceitos considerados chaves para esta pesquisa, que ajudaram a compreender algumas contribuições de Paulo Freire para a formação continuada, assim como conhecer um pouco mais sobre como foi o desenvolvimento dessa temática no Brasil.

Além disso, Severino (1996, p.79-80) reforça que "mesmo quando a leitura integral do texto se fizer necessária, ela será feita tendo em vista o aproveitamento direto apenas daqueles

[1] Em STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J (2008, p. 380), "a busca do ser mais através da qual o ser humano está em permanente procura, aventurando-se curiosamente no conhecimento de si mesmo e do mundo".

elementos que sirvam para articular as ideias do novo raciocínio que se desenvolve", ou seja, servindo para reforçar, apoiar e justificar as ideias do pesquisador sobre sua temática de pesquisa. É importante salientar que esta pesquisa encontra-se em estágio inicial, por esse motivo os dados apresentados aqui são elementares.

1 Conceituando a temática de pesquisa

Para iniciar se faz imprescindível expor o conceito de formação e de formação continuada utilizado como base para este artigo. Nesse sentido, entende-se formação como "um processo de aprendizagem que se realiza desenvolvendo-se individual e coletivamente dentro de uma cultura, incorporando-a, criando e recriando-a." (ALVARADO-PRADA; FREITAS; FREITAS, 2010, p.369). Complementando-se esta concepção, tem-se formação "como processo de desenvolvimento pessoal e profissional de um ser adulto em interação com o meio e, portanto, como processo contínuo de reconstrução identitária" (ESTRELA, 2006, p.46).

Por isso, compreende-se formação continuada como uma forma de suprimir as lacunas da formação inicial, sanar dificuldades do cotidiano escolar, adquirir certificados, satisfazer interesses, entre outros. Enfim, poderia ser definido entre outros conceitos, como "cursos de curta duração que contribuem apenas para cumprir uma exigência social." (Ibidem, p.374). Por esse motivo, se entende, muitas vezes, formação continuada como curso de reciclagem, capacitação, treinamento ou até outras conotações possíveis. Assim, compreende-se a formação continuada, como o próprio nome traz: um processo contínuo, envolvendo todos os sujeitos relacionados com a instituição escolar, além do educador.

2 Desenvolvimento histórico da formação continuada no Brasil

Nesse momento, inicia-se um breve histórico da formação continuada no Brasil, pois acredita ser de suma importância a contextualização desse termo neste trabalho.

Conforme Romanowski; Martins (2010, p. 288-291) no período Imperial se percebe, a partir dos relatórios dos inspetores, que se tinha uma falta muito grande de formação entre os professores da época. Por isso, realizaram-se exames de habilitação para os vocacionados para o magistério e houve a criação de escolas normais para os professores não diplomados, porém o número de professores formados era muito pequeno para atender a demanda escolar. Esta situação só se resolveu com a implementação da formação continuada em serviço. Ou seja, os

professores faziam esses cursos além de sua jornada de trabalho nas escolas, sanando o déficit da falta de profissionais ao mesmo tempo que se qualificavam para o trabalho docente.

Já em 1937 foi criado o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), para realizar pesquisas sobre educação brasileira a partir do senso escolar, auxiliando na orientação das políticas públicas. Mas acabou também desenvolvendo cursos de formação continuada para os professores de várias regiões do país.

Na década de 40, a formação continuada ganha impulso por diferentes iniciativas, desde a criação de órgãos e programas presenciais e a distância. Como exemplo tem-se o Programa de Assistência Brasileiro-Americano ao Ensino Elementar (PABAEE), podendo ser considerada uma assessoria do governo americano para os brasileiros. Aconteceu, especificamente, em 1942 sendo um treinamento de professores brasileiros nos EUA, para posteriormente aplicar as técnicas no país (Brasil).

A partir de 1960, a formação continuada é vista como reciclagem e/ou treinamento, substituindo os cursos de curta duração e as palestras. Sua ênfase era o planejamento escolar, materiais instrucionais e de avaliação. Nessa década, com a concepção tecnicista, tem-se o controle imposto sobre a divisão do trabalho escolar, o que impõe aos professores uma organização mais técnica do ensino. Logo, existe a desvalorização profissional, uma vez que esta concepção tecnicista restringe sua função à execução do planejamento. Nesse sentido, a formação continuada limitava-se a aplicação dos modelos visando um ensino mais eficaz e eficiente.

Quanto à ascensão profissional, tinham-se as formas por tempo e por mérito de serviço, sendo este indicado pelo chefe imediato. Outra forma seria pela a nomeação a cargos de diretor de escola, inspetor de ensino e outras funções administrativas, esta assumiria o caráter de reconhecimento e valorização do professor.

Em 1970, a formação continuada serve como aperfeiçoamento, atualização e capacitação. Os programas de formação de professores centram seus conteúdos numa abordagem mais crítica. Eram ministrados em cursos de curta duração, palestras e seminários, enfatizando a transmissão de conhecimentos aos professores, no mesmo formato da formação inicial.

A partir de 1980, destaca-se a análise das questões sobre organização pedagógica e de currículo escolares, sobre o efeito das teorias reprodutivas de décadas anteriores. Ainda nessa década, a formação continuada passa a ser percebida como algo ligado à carreira docente. Nesse sentido, a promoção docente se realiza considerando a titulação, cursos de nível superior de graduação, concluídos após o ingresso no sistema de ensino. Já o tempo de

serviço não é mais considerado suficiente pra a promoção docente. Esta só acontecia após a avaliação do desempenho definida e registrada por documentos escritos, começando, dessa forma, o controle do trabalho do professor.

De acordo com Alvarado-Prada; Freitas; Freitas (2010), em 1990, a formação continuada incorpora novas tendências, ou seja, tem no professor o sujeito da sua prática. Isso implica em ter espaços e tempo nas instituições escolares para o coletivo dos professores, favorecendo a reflexão e o trabalho em grupo. Dessa forma, a escola estaria incentivando a socialização e considerando as necessidades dos professores.

Tendo em vista que os educadores estão boa parte do seu tempo dentro das instituições escolares, este deveria ser o principal espaço de formação dos mesmos, pois se espera que esta contribua tanto para o desenvolvimento da instituição escolar, como de seus profissionais. Por esse motivo, nas escolas deveriam ser dadas as condições para que seus profissionais realizassem os cursos de formação continuada e, ao retornarem, contribuíssem para o desenvolvimento da instituição com seus conhecimentos adquiridos. Porém, é preciso salientar que a escola não é a única responsável por essa formação, ela depende do Estado, de políticas públicas, da família para que se desenvolva.

Ainda em 1990 surge a globalização, que implicou aos professores uma maior atualização, indo além da formação inicial, para que, desse modo, pudessem se adaptar a lógica do mercado atual. Nessa perspectiva, Freire destaca que todos os seres humanos são inacabados e, quando estes se tornam conscientes desse inacabamento, compreendem-se como seres aprendentes, estando em permanente formação em relação à docência principalmente. Aprender a ser professor não é uma tarefa fácil. Para alguns pode até parecer, mas para aqueles educadores que reconhecem a importante tarefa de educar essa aprendizagem exige uma atividade contínua de aperfeiçoamento e reflexão, reconhecendo a dimensão do inacabamento que perpassa a profissão docente. Portanto, Freire (1997, p.19) nos escreve que

> A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe colocam o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar, antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática.

Sendo assim, a formação inicial se torna apenas o primeiro passo de uma longa caminhada para a aprendizagem da docência. Essa informação é confirmada pelos estudos de Lopes (2006), quando este escreve que a formação continuada é um processo

> Dinâmico pelo qual os professores, no exercício de sua prática profissional, através de palestras, seminários, cursos, oficinas outras propostas, vão adequando sua formação ás exigências do ato de ensinar (...). A formação continuada possibilita, portanto, o reapetrechamento dos professores, reestruturando e aprofundando conhecimentos adquiridos na formação inicial bem como a produção de novos conhecimentos (p.140)

Complementando essa concepção, acrescenta-se que os avanços científico e tecnológico exigem, na sociedade moderna, um nível de conhecimentos mais amplos e profundos. Gerando nos docentes a necessidade de ter uma formação continuada, mesmo em serviço, para conseguir acompanhar as demandas de mudanças na sociedade que alteram, rapidamente, as funções e concepções de docência. Essa formação terá como finalidade a reflexão sobre a prática educacional e a busca de seu aperfeiçoamento técnico, ético e político.

Nesse sentido, segundo Freire (2002), ensinar também exige a prática da pesquisa, para que possamos conhecer o que ainda não conhecemos e anunciar e/ou comunicar o aprendido aos outros. Por isso,

> Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (FREIRE, 2002, NOTA DE RODAPÉ, p.32).

Nessa citação percebe-se, de forma clara, a importância que Freire atribui à pesquisa na docência, considerando-a como algo indissociável dessa profissão, fazendo essa prática uma aliada para a docência. Através dela os docentes podem compreendê-la melhor, assim como suas especificidades, atendendo, possivelmente, de forma mais qualificada aos seus educandos.

Na busca por uma formação continuada para o aprimoramento do trabalho pedagógico, é necessário que tanto os docentes como as instituições se auxiliem e caminhem juntos nesse processo. Como forma de confirmar a necessidade desse apoio entre os professores e as escolas, cita-se Nóvoa (2001, s/p), quando escreve que "o aprender contínuo é essencial em nossa profissão. Ele deve se concentrar em dois pilares: a própria pessoa do

professor, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente." Nesse sentido, toma-se como concepção de gestão educacional a trazida por Lück (2006, p.35-36)

> Processo de gerir a dinâmica do sistema de ensino como um todo e de coordenação das escolas em especifico, afinado com as diretrizes e políticas educacionais públicas, para a implementação das políticas educacionais e projetos pedagógicos das escolas, compromissado com os princípios da democracia e com métodos que organizem e criem para um ambiente educacional autônomo (solução próprias, no âmbito de suas competências) de participação e compartilhamento (tomada conjunta de decisões e efetivação de resultados) autocontrole (acompanhamento e avaliação com retorno de informações) e transparência (demonstração publica de seus processos e resultados).

E é conforme essa concepção de gestão educacional que Zainko (2006) destaca que, na procura pela qualidade acadêmica e por práticas inovadoras, professores e gestores devem se auxiliar, caminhando juntos nesse processo de aperfeiçoamento. Nesta busca, por qualidade e práticas inovadoras, os professores tendem a procurar cursos de formação continuada, e estes podem trazer elementos que, possivelmente, exigirão desses profissionais uma reformulação de sua prática e aprendizados. Nesses cursos ele aprende, desaprende, (re)organiza o aprendizado, faz descobertas, constrói uma nova perspectiva do seu trabalho docente fazendo a reflexão crítica sobre a sua prática, o que pode levar a uma **(**re)construção permanente pessoal e profissional de sua trajetória.

Além disso, quando estes retornarem as suas instituições de trabalho, podem aplicar e/ou repassar o que adquiriram nos cursos à escola e aos demais professores. Isto porque a formação continuada pode criar espaços de diálogo com todos os envolvidos na escola e na comunidade a qual esta pertence, facilitando e ampliando as possibilidades de trocas de informações e experiências.

Também se faz necessário que os educadores façam, frequentemente, uma avaliação de sua prática educativa através da prática reflexiva, a práxis. O educando também deve participar desse momento de alguma forma para poder expressar as suas contribuições acerca dessa, pois, segundo Freire (2002, p.71), "o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo". Dessa forma, nota-se a importância, na concepção Freireana, do trabalho conjunto entre educador e educando. Portanto, percebe-se que, para o autor, a aprendizagem da docência está inteiramente relacionada ao inacabamento do ser humano e ao processo de ensino aprendizagem.

Nessa perspectiva, o educador, compreendido como ensinante, necessita perceber a escola e a sua sala de aula, como um espaço aprendente não apenas para os educandos, mas

um lugar aprendente da docência pela prática educativa cotidiana com os educandos. Desse modo, ele se desacomoda e busca, sempre que preciso, novas alternativas de trabalho, juntamente com seus educandos e com outros educadores. Conforme, Barcelos (2008, p.71),

> ainda não nos convencemos de que o espaço da escola é um dos primeiros espaços formativos de que o professor dispõe. Nossa cultura de formação de professores ainda é pautada, por um lado, na espera de alguém que venha lhe fornecer uma fórmula, uma receita e, por outro, de uma ideia de planejamento e gestão pública da educação que ainda insiste numa formação continuada muito restrita a palestras, conferências e mini-cursos isolados de um programa de formação com planejamento cuidadoso e que tenha realmente uma continuidade.

De acordo com a proposição trazida por Barcelos, pode-se pensar no diálogo e na reflexão coletiva sobre as práticas vivenciadas no espaço escolar, como meio para repensar o que precisa ser (re)feito e o que está dando certo no ambiente escolar de trabalho. Essa prática formativa pode ser utilizada por todos os educadores(as), tendo nestes momentos espaços de trocas entre eles e destes com seus educandos. Isso pode ser um dos momentos mais significativos para a aprendizagem da docência.

A partir do exposto até o momento, percebe-se que, tendo em vista as rápidas modificações do mundo atual e a necessidade de atualização dos docentes quanto ao seu trabalho pedagógico, estes recorrem aos cursos de formação continuada. Além disso, existem diferentes concepções de formação continuada e de suas práticas. Concluindo então que não se tem um modelo único, fazendo–se necessário analisar as diferentes concepções e práticas, para escolher a que melhor se adequada aos nossos interesses e necessidades.

Considerações parciais

Ao finalizar este artigo, percebe-se que se faz imprescindível considerar as contribuições deixadas por Paulo Freire, tanto no que se refere à formação docente de maneira geral, como suas proposições acerca da formação continuada no atual contexto da educação brasileira, as quais (algumas) foram apresentadas neste artigo. Deve-se considerar estas contribuições não com a intenção de copiá-las, imitá-las, mas (re)criar, (re)inventar, (re)descobrir as práticas educativas dos educadores a partir de seu contexto, das suas necessidades, princípios e convicções enquanto educadores(as), assim como foi sugerido por Freire em seus escritos.

Percebe-se que a formação continuada permite ao docente exercer a atividade reflexiva, que são ações, atividades desenvolvidas pelo professor, provocadas por suas

próprias necessidades e que mobilizam processos reflexivos. Porém, a aprendizagem docente ocorre quando esses processos estão pautados para além do somente pensar sobre a atividade pedagógica, mas vinculados a uma formulação e reformulação teórica.

Para concluir uma citação de Freire (2007, p.120)

> Estudar é também e, sobretudo, pensar a prática e pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo. Desta forma, quem estuda não deve perder nenhuma oportunidade, em suas relações com os outros, com a realidade, para assumir uma postura curiosa. A de quem pergunta, a de quem indaga, a de quem busca.

A tarefa do educador é de praticar a relação dialógica e, ao refletir seu fazer de sala de aula, se compromete e refaz a sua caminhada. Parar e pensar naquilo que se faz, olhar para os colegas e seus educandos, este é o sentido da escola, que é feita de gente para gente, que sente, que ama, que se desafia, que repensa e refaz sua prática diariamente. Onde todo processo de formação permite aos educadores que se tornem sujeitos de sua própria história e tenham consciência de que sua formação é norteadora na construção de uma sociedade melhor.

Referências

ALVARADO-PRADA, L. E.; FREITAS, T. C.; FREITAS, C. A. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. In: **Revista Diálogo Educaciona,** Curitiba, V.10, n. 30, p 367-387, maio/agosto.2010.

BARCELOS, V. **Educação Ambiental:** sobre princípios, metodologia e atitudes. Petropolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

ESTRELA, M. T. A formação continuada entre teoria e a prática. In: FERREIRA, N. S. C. (org.). **Formação continuada e gestão da educação**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 43-64.

FREIRE, P. **Conscientização:** teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Professora sim, tia não.** Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'água, 1997.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à pratica docente. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 12.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

LOPES, M. do S. L. A formação continuada nas palavras dos autores. In: SOBRINHO, J. A. de C. M.; CARVALHO, M. A. de. (orgs.). **Formação de professores e práticas docentes:** olhares contemporâneos**.** Belo Horizonte: Autentica, 2006. p.139-152

LÜCK, H. **Gestão educacional:** Uma questão paradigmática. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

NÓVOA, A. Professor se forma na escola. **Revista Nova Escola**. Edição nº142. Maio de 2001. Entrevista cedida a Paola Gentile. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/professor-se-forma-escola-423256.shtml> Acesso em: 24 abr. 2010.

ROMANOWSKI, J. P.; MARTINS, P. L. O. Formação continuada: contribuições para o desenvolvimento profissional dos professores. In: **Revista Diálogo Educacional,** Curitiba, V.10, n. 30, p 285-300., maio/agosto.2010.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez,1996.

STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

ZAINKO, M. A. S. Desafios da Universidade Contemporânea: o processo de formação continuada dos profissionais da educação. In: Ferreira, N. S. C. (org.). **Formação continuada e gestão da educação**. São Paulo: Cortez, 2006. p.187-217.